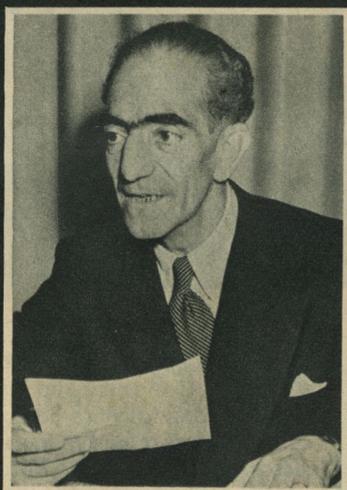


ALMADA NEGREIROS

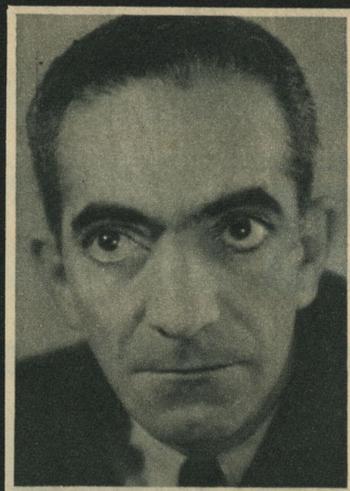
uma perda nacional



● Novembro de 1950: Almada proferiu uma palestra aos microfones da B. B. C. de Londres sobre as pinturas murais do Palácio de Cnossos, na ilha de Creta.

● Maio de 1969: Almada honrou o primeiro programa «Zip-Zip». Portugal inteiro ficou a admirar sem reservas o grande vulto da vida nacional.





ALMADA Negreiros acabou os seus dias de vida no mesmo hospital onde morreu Fernando Pessoa — o hospital de S. Luís. Trinta e cinco anos mais tarde que o amigo, Almada desaparece do convívio pessoal dos portugueses, deixando um vácuo que representa uma perda nacional. Com efeito, a morte de Almada Negreiros não empobrece apenas um grupo de ideias, uma tendência estética ou uma forma de encarar a vida. É mesmo uma perda nacional, seja qual for o campo em que nos coloquemos.

Foi um homem diferente dos outros — mas não era diferente por querer sê-lo, por procurar a originalidade. Ele era original sem querer — e justamente daí lhe adveio sempre a impressionante dinâmica de todas as suas actuações, a escrever, a conversar, a pintar, a pensar.

Após uma longa vida em que não conheceu glórias oficiais ou oficiosas — os prémios que recebeu foram sempre muito mais modestos que a obra que premiaram — a sua ingénua surpresa ao verificar o preço altíssimo, nunca atingido entre nós, atingido pelo seu retrato de Fernando Pessoa, recentemente leiloado, pode considerar-se como um dos mais definidores traços do carácter e da inteligência desse artista nato, desse homem ímpar, que sempre foi Almada Negreiros — quando jovem, na meia idade, e também na velhice.

PORTUGAL inteiro o admirou sem reservas quando foi para o ar o primeiro programa «Zip-Zip». O homem já estava no fim da vida, mas o artista continuava tão brilhante como sempre fora, de uma lucidez acutilante e de uma bonomia humaníssima. Nenhum de nós poderá mais conversar com Almada Negreiros, encontrá-lo no Chiado, apertar-lhe a mão — mas todos nós poderemos sentir, nas livrarias e nos murais que ele pintou, o orgulho da herança que nos legou o artista portuguêsíssimo agora desaparecido do nosso convívio. E a sua espontaneidade deverá também tornar-se para os novos o apontar de um caminho, nestes tempos em que quase todos vivem perseguindo a originalidade, como se esta pudesse encontrar-se pela procura — esquecidos de que a originalidade só tem significado naqueles artistas em que ela brota tão naturalmente como nos outros se repete a rotina.

O artista era casado com a pintora Sarah Afonso de Almada Negreiros, e pai da poetisa Ana Paula de Almada Negreiros e do arquitecto José Afonso de Almada Negreiros, a quem «Nova Antena» apresenta os seus sentidos pêsames — sentimento que a morte de Almada nos obriga a estender a todos os portugueses.